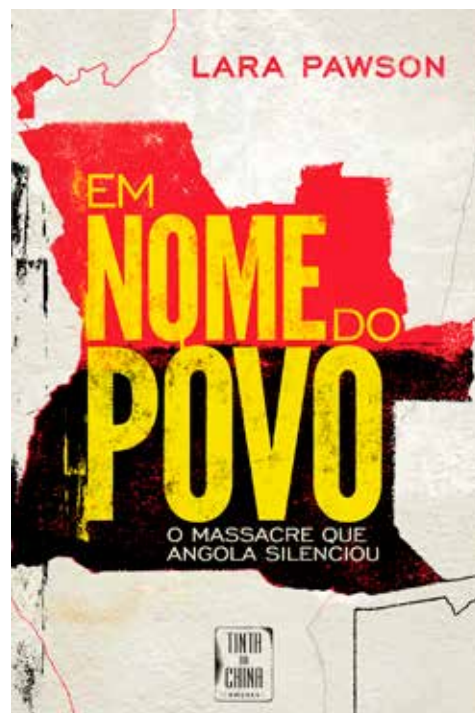


A desilusão

do diário pessoal de Lara Pawson

Em nome do povo são, sobretudo, estórias de viagens da jornalista britânica que tentou investigar os acontecimentos de 27 de maio de 1977, ou seja, a tentativa frustrada de golpe de Estado de Nito Alves

COLIN DARCH*



ATENTATIVA FALHADA de golpe de estado iniciada por Nito Alves, do MPLA, em Luanda a 27 de maio de 1977, e o seu resultado são eventos bem documentados. Nito Alves passou os últimos oito anos da luta de libertação na primeira região militar do MPLA, nas matas de Dembos no nordeste de Luanda, sem qualquer contacto com o resto do MPLA de 1967 até à independência. Emergiu então com uma base política de apoio, elevado nível de autoconfiança e sentido de afastamento face ao que David Birmingham descreveu como o «suave ambiente cultural da liderança política alargada»¹. Depois de 1974 estes fatores transformaram-se num discurso populista e de extrema-esquerda, contra brancos e mestiços e que provavelmente conduziu à tentativa falhada de tomada do poder que custou a vida a Nito Alves.

Contudo, este livro não é uma história sobre o golpe nitista. É antes um diário pessoal, descrevendo a viagem de investigação de uma jornalista britânica e a tarefa autoimposta de obter uma explicação coerente para os acontecimentos de 1977.

Em 1999 ou 2000, depois de ouvir falar de Nito Alves, Lara Pawson decidiu «tentar descobrir a verdade não contada por detrás da história do 27». No entanto, apesar do seu claro objetivo de descobrir os «factos» – incluindo o de se chegar a saber se de facto houve ou não um golpe – Pawson nunca filtra, avalia ou sintetiza a informação que reúne a partir das suas extensas entrevistas (e, de forma limitada, de fontes documentais). Nem se interroga sobre as suas próprias suposições quanto ao perfil do Estado angolano ou do partido no poder durante o período pós-independência. Para a autora e, consequentemente, para o leitor, «a verdade não contada» mantém-se irrecuperável.

O livro é construído como uma série de registos vagamente interligados e fortemente comentados sobre os encontros mais ou menos aleatórios de Pawson com testemunhas, participantes e outros em Londres, Lisboa e Luanda, e a descrição de visitas a bibliotecas, cemitérios e outros locais. Estes *contos* são mais ou menos independentes uns dos outros, e Pawson frequentemente antecipa as dúvidas do leitor sobre a utilidade destes relatos, questionando-se sobre a confiabilidade, veracidade e motivação dos seus interlocutores: «Alguém me contou uma história. Por que é que eu hei de acreditar? Será que mais alguém acredita?» Ela parece ignorar que tem a responsabilidade

de verificar a informação ou testar a fidelidade e coerência do que lhe é contado. Embora nos diga que gravou a maior parte das conversas não conseguimos perceber se a autora transcreveu as afirmações dos entrevistados ou as resumiu. O tom é confessional: Pawson elenca as suas dúvidas, fala de emoções, do clima, do que come e bebe, como é a vida dos cães, gatos e insetos locais, das deslocações de táxi, carros particulares e transportes públicos. Muitas vezes os seus comentários raíam o desrespeito – conta que a casa de banho de um dos entrevistados estava «negligenciada»; menciona um problema de expressão de outro e diz que uma refeição que lhe é servida por um simpático anfitrião é «surpreendentemente saborosa».

Desde o início, Pawson faz várias suposições inter-relacionadas. Uma delas é que os acontecimentos de 27 de maio de 1977 e as suas consequências têm sido «esquecidos». Por razões não esclarecidas, Pawson acredita que houve uma conspiração de silêncio sobre o golpe e que ela, enquanto jornalista, tem o dever de trazer a verdade a público. Fala do «bem guardado segredo» do 27 e deixa implícito que mesmo os respeitadores observadores de assuntos da África Austral como Basil Davidson e Victoria Brittain foram cúmplices ao silenciarem os acontecimentos. Ela diz sentir-se «traída

*Colin Darch é professor na Universidade de Cape Town e este artigo foi primeiro publicado no *South African Historical Journal*

(...) pelos escritores e jornalistas que sempre admirei na esquerda política». Isto é especialmente injusto no caso de Davidson, que acabara de chegar a Luanda quando o golpe ocorreu e escreveu um relato em primeira mão que facilmente se encontra (2). Ela também ignora – ou, pelo menos, desconhece devido à sua inexperiência como investigadora – os contemporâneos trabalhos, embora altamente polémicos, de Simon Malley (3), Paul Fauvet (4) e David Birmingham (5).

Evidências inconclusivas

A sua segunda suposição é que a tentativa de golpe a 27 de maio foi seguida por um massacre em larga escala, no qual muitas pessoas foram mortas em ajuste de contas político, e que, consequentemente, os angolanos vivem desde então um clima de medo em que é impossível qualquer discussão pública sobre Nito Alves. É certamente plausível que se tivesse acontecido um massacre de milhares de pessoas poderia haver uma atmosfera assim. Mas as evidências citadas no livro são extremamente inconclusivas. Pawson visita a campa de algumas vítimas, marcadas por 68 nomes.

Noutros pontos do seu texto, a autora diz que outros afirmam, ou afirma ela própria, que «milhares» (pág. 3), «dezenas de milhares» (pág. 32), «pelo menos 25.000» (pág. 65), «talvez 20.000 ou mais» (pág. 86), «pelo menos 80.000» (pág. 168) e, finalmente, «90.000» (pág. 221) pessoas foram mortas no rescaldo do golpe. Quando Ndunduma, um entrevistado, lhe diz que «ninguém conhece os números», ela desvaloriza a afirmação, classificando-a como «resposta fácil». Mas admite que ela própria não «viu quaisquer dados sólidos que detalhassem o número de pessoas mortas (...) Tudo o que tenho é a palavra de alguns angolanos que me incentivaram a investigar».

A hipótese da autora é que a tentativa de golpe foi de certa forma uma conjuntura crítica na história moderna angolana

No final do livro não avançamos nada; Pawson admite não ter «nenhuma pista sobre quantas pessoas morreram...»; «nenhuma prova»; que gostaria de «saber o que é real e o que é ficção» e, ao fim de 200 páginas, este crítico tem de concordar com ela.

Apesar das dúvidas de Pawson, muitos académicos hoje aceitarão a avaliação do jornalista angolano João Melo, citado no livro, de que «a reação do Estado (...) foi ingavelmente desproporcionada». Se isto criou o clima de medo que Pawson garante que «prevalece na Angola de hoje», bem como entre os angolanos exilados, é outra questão. Mas a existência – por exemplo – de uma Associação 27 de Maio com website dedicado à memória de Nito Alves, e as atividades políticas do rapper Ikonoklasta, descritas no epílogo, parecem indicar que o medo foi pelo menos diminuindo nos últimos anos.

A hipótese final de Pawson é que a tentativa de golpe foi de certa forma uma conjuntura crítica na história moderna angolana. Ela cita mas parece não ter entendido – possivelmente devido ao conhecimento inadequado sobre a história de Angola que admite ter – pistas fortes de alguns dos seus interlocutores sobre o facto de isto não ter sido bem assim. Um entrevistado angolano aconselha-a a ser «muito cuidadosa» quanto a exageros sobre o que foi essencialmente uma experiência do MPLA. Algumas páginas depois, Pawson admite que o golpe pode ter sido um momento negro, mas aparentemente curto. Victoria Brittain diz-lhe que «não foi assim tão importante» e que os exilados angolanos poderão acreditar que foi «a pior coisa que alguma vez aconteceu». Mas Pawson nunca sente necessidade de apresentar uma nova versão do golpe, preferindo manter-se na ideia de que mencioná-lo ainda é tabu.

Enquanto investigadora e entrevistadora, Pawson combina uma ineficiência de principiante com timidez. Ela vai à biblioteca da Escola de Estudos Orientais e Africanos e parece que esperava que todos os livros sobre Angola estivessem reunidos nas mesmas prateleiras. Com os entrevistados parece hesitante em fazer-lhes mais perguntas: «Eu quero continuar (...), mas não quero contrairinterrogá-lo»; «Sou medrosa. Tenho medo de ofender as pessoas...»; «Não tenho coragem




Lara Pawson

Foi correspondente da BBC no Mali, na Costa do Marfim e em São Tomé e Príncipe, entre 1998 e 2007. Também viveu no Gana e na África do Sul. De 1998 a 2000, trabalhou em Angola, onde cobriu a guerra civil. Enquanto isso, a sua ligação a Angola nunca se desvaneceu e ela retorna sempre que possível. É atualmente jornalista freelance em Londres e é Writing Fellow no Wits Institute of Social & Economic Research, da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo.

para lhe perguntar...» Consegue perceber o que é uma fofoca, mas recicla-a, repetindo, por exemplo, que Agostinho Neto tinha um problema alcoólico incapacitante.

No final do Vol. II da sua magistral obra *The Angolan Revolution*, publicado em 1978, John Marcum referiu-se aos acontecimentos nitistas, alertando para o facto de que «apenas um conhecimento detalhado da época colonial e da história e carácter dos que lhe puseram um fim nos pode permitir compreender o que aconteceu após a independência (...) apenas esse conhecimento nos permitiria compreender porque os líderes negros africanos (...) que passaram anos arriscados na resistência do MPLA a lutar pela independência queriam derrubar um governo (multirracial) do MPLA apenas um ano e meio após a independência» (6).

Infelizmente, Pawson preferiu ignorar estes conselhos. No final, o seu livro é uma desilusão devido às suas falhas relativamente à história contemporânea de Angola, a sua incapacidade para sintetizar e a sua relutância em tentar responder às questões reais e difíceis que o seu assunto levanta. 

Em nome do povo – O massacre que Angola silenciou

Lara Pawson

Tinta da China, Lisboa, 2014